

RIO

BAIRROS

Museu do Açude ganha três novas instalações permanentes

Com as aquisições, local se firma como a maior
galeria de arte contemporânea ao ar livre

POR MAURÍCIO PEIXOTO

01/09/2016 4:30 / atualizado 18/10/2016 19:49



Obra arredondada de Ângelo Venosa pesa cerca de 300 quilos - Fotos de Analice Paron

RIO — Desde 2008, o Circuito de Arte Contemporânea do Museu do Açude não recebia novas obras. Até que, no dia 31 de julho, três foram incorporadas. Assim, o local se mantém como a maior galeria do tipo ao ar livre do Rio.

Tudo começou em 1999 quando foi constituído o Espaço de instalações permanentes do Museu do Açude, pelo curador Marcio Doctors, que o coordenou até 2008, incorporando as obras de Anna Maria Maiolino, a primeira obra de Iole de Freitas, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Nuno Ramos, a primeira obra de José Resende, Piotr Uklanski e Eduardo Coimbra, criando assim, com o tempo, um circuito de arte contemporânea ao ar livre.

O espaço de 150 mil metros quadrados no meio da Floresta da Tijuca já reunia trabalhos de artistas como Iole de Freitas, Lygia Pape, Helio Oiticica e Anna Maria Maiolino. Agora, conta também com obras de Waltercio Caldas, Ângelo Venosa e José Rezende, especialmente produzidas para o Museu do Açude.

A história do paulista José Resende com o Açude é antiga. Autor de uma escultura que foi devastada por uma tempestade em 2005, o

artista foi convidado a criar uma nova instalação, colocada junto à sede do museu.

— Propus uma peça que tem a ver com a poética do trabalho anterior. Uma linha reta, solta no espaço, que aparece inesperadamente, feita com tubo de aço e placas de granito cinza claro — diz Rezende.

Autor de várias obras públicas no país, entre elas a famosa escultura “Baleia”, no calçadão do Leme, o paulista Ângelo Venosa criou um objeto feito em madeira, com técnica usada em construção de barcos. A obra, de forma arredondada, mede aproximadamente 2,4 metros nas três dimensões, com peso estimado de 300 quilos. Ele se diz feliz por participar do circuito.

— Não poderia estar em melhor companhia. O José e o Waltercio são dois artistas que admiro bastante — diz Venosa.



Escultura de Waltercio Caldas tem 14 metros de altura - Analice Paron

Com uma escultura de aço inoxidável de 14 metros de altura por seis de largura, o carioca Waltercio Caldas usou a grama da Floresta da Tijuca como parte de sua produção, que trabalha a relação do azul do objeto com o próprio céu.

— É uma situação pensada no espectador. O trabalho é o motivo para as pessoas experimentarem o lugar e se relacionarem com o entorno — comenta Caldas.

Para ajudar o visitante a entender melhor a multifacetada e indagadora arte contemporânea, a direção do museu está preparando um projeto educativo, que deve começar este mês. Ele será desenvolvido junto à professora de Artes da Uerj Cristina de Pádua, que vai treinar os funcionários

do museu. Vale lembrar que não haverá atendimento individual.

— É só para grupos. Basta ligar para fazermos o agendamento e nos programarmos. Estamos pensando também em fazer panfletos educativos para distribuir aos visitantes — explica Vera Alencar, diretora do Museu do Açude.

Segundo ela, também está em fase de produção um catálogo das três novas obras, que deve sair em outubro.

— Cada uma terá um texto escrito por um crítico de arte. A obra do Waltercio ficará a cargo de Paulo Venâncio Filho; a de José Rezende será feita por Cláudia Saldanha; e a do Ângelo Venosa, por Lígia Canongia — conta Vera.

Para Cristina de Pádua, a arte contemporânea pode provocar reações e questionamentos diferentes, dependendo de cada pessoa.

— Queremos trabalhar com as questões que são indicadas pelos próprios artistas. Mas também tratar da relação direta do visitante com as próprias obras e dos questionamentos perante elas. O legal da arte contemporânea é exatamente isso — acredita.

Além das obras do circuito, o Museu do Açude tem um raro acervo de cerca de cem peças orientais, que pertenceram a Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968), e objetos pessoais dele.

Em 1943, o empresário, que tinha uma casa de veraneio no local, coordenou os trabalhos de urbanização da Floresta da Tijuca. Colecionador de arte, participou da fundação do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM), em 1948, e inaugurou o Museu do Açude em 1964.